3

Os novos saberes ecológicos: uma proposta de reconexão

Defrontamo-nos com toda uma série de problemas globais que estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante. A sociedade contemporânea encontra-se em uma situação que logo pode se tornar irreversível. As alternativas para mudar o estado caótico do planeta requerem inicialmente uma clara compreensão de qual seja a atual visão dominante do mundo. Tal visão é determinada por paradigmas que representam os valores, crenças, hábitos e normas coletivas que formam o quadro de referência para a sociedade.

Na base da visão de mundo consubstanciada no atual paradigma moderno estão: a visão do universo como um sistema mecânico composto de blocos de construção elementares, a visão do corpo humano como uma máquina, a visão da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, a crença no progresso material ilimitado a ser obtido por intermédio do crescimento econômico e tecnológico e, por fim, mas não menos importante, a crença em que uma sociedade na qual a mulher é, por toda parte, classificada em posição inferior à do homem é uma sociedade que segue uma lei básica da natureza. Todas essas suposições têm sido decisivamente desafiadas por acontecimentos recentes.

A superação dos dramáticos impasses em que se encontram atualmente as relações dos homens com a natureza, dos homens entre si e com a sua própria natureza, exige a construção de uma nova perspectiva. O objetivo deste capítulo é precisamente apresentar uma síntese da emergência e evolução de uma modalidade de conhecimento que, alicerçada em um paradigma que promova a integração e o cuidado ao invés da conquista e dominação, constitui uma peça importante na elaboração de uma nova perspectiva, na medida em que veicula uma profunda transformação das concepções sobre o homem e sua relação com a natureza.

O paradigma emergente que se buscou apresentar pode ser chamado de uma visão holística que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também ser denominado visão ecológica, se o termo “ecológica” for empregado num sentido muito mais amplo e profundo que o usual, assim como nos sugere a escola filosófica da Ecologia Profunda que constitui o marco teórico com o qual o presente capítulo se alicerça.

Ela foi fundada pelo filósofo norueguês Arne Naess⁶⁸, no início dos anos 70, com sua distinção entre “ecologia rasa” e “ecologia profunda”. Segundo o autor, a ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como fonte de todos os valores e atribui apenas um valor instrumental ou de “uso” à natureza. A profunda não separa seres humanos ou qualquer outra coisa do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados, sendo interdependentes.

A Ecologia Profunda reconhece o valor intrínseco de seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida. Em última análise, a percepção da Ecologia Profunda é uma percepção espiritual da vida.

Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexão com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda.

A Ecologia Profunda, portanto, não separa do ambiente natural o ser humano nem qualquer outro ser, ela vê o mundo como uma teia de fenômenos essencialmente inter-relacionados e interdependentes. Ela reconhece a inserção de tudo nos processos cíclicos da natureza através de uma dependência mútua.

Esse novo saber ecológico faz perguntas profundas a respeito dos próprios fundamentos da visão de mundo fundada no paradigma moderno, o questionando com base em um olhar ecológico: a partir da perspectiva dos relacionamentos entre os seres humanos uns com os outros, com as futuras gerações e com a teia da vida da qual tudo faz parte.

Além da Ecologia Profunda, há duas importantes escolas filosóficas da ecologia que também constituem o marco teórico desta pesquisa, sendo percorridas e analisadas neste capítulo: a Ecologia Social e a Ecologia Feminista, ou o “Ecofeminismo”.

A percepção ecológica profunda parece fornecer a base filosófica e espiritual ideal para um estilo de vida ecológico e para o ativismo ambientalista. No entanto, não diz muito a respeito das características e dos padrões culturais de

⁶⁸NAESS, A. *The shallow and the deep, long-range ecology movement: a summary*. Reimpresso em Drengson e Inoue, 1995.

organização social que produziram a atual crise social e ecológica. É esse o foco da Ecologia Social.

O solo comum das várias escolas da Ecologia Social é o reconhecimento de que a natureza fundamentalmente antiecológica de muitas de nossas estruturas sociais e econômicas está arraigada em um sistema dominador de organização social. O patriarcado, o imperialismo, o capitalismo e o racismo são exemplos de dominação exploradora e antiecológica. Dentre as diferentes escolas da Ecologia Social há vários grupos marxistas e anarquistas que utilizam seus respectivos arcabouços conceituais para analisar diferentes padrões de dominação social.

Já o Ecofeminismo poderia ser encarado como uma escola especial da Ecologia Social, uma vez que aborda a dinâmica básica de dominação social dentro do contexto do patriarcado. Entretanto, sua análise cultural das muitas facetas do patriarcado e das ligações entre o feminismo e a ecologia vai muito além dos pressupostos da Ecologia Social.

Os/as ecofeministas veem a dominação patriarcal das mulheres pelos homens como o protótipo de todas as formas de dominação e exploração - hierárquica, militarista, capitalista e industrialista. Eles/elas mostram que a exploração da natureza tem marchado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza através dos séculos. Essa antiga associação entre mulher e natureza liga a história das mulheres com a história do meio ambiente, e é fonte de um parentesco natural entre feminismo e ecologia. Conseqüentemente, os/as ecofeministas veem o conhecimento vivencial do feminino como uma das fontes principais de uma visão ecológica da realidade.

Por essa breve explanação depreende-se que toda a questão dos valores é fundamental tanto para a Ecologia Profunda como para as demais escolas ecológicas. Enquanto o velho paradigma está baseado em valores antropocêntricos, os chamados novos saberes ecológicos estão alicerçados em valores ecocêntricos (centralizados na Terra). É uma visão de mundo que reconhece o valor inerente da vida não humana. Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependência.

Segundo Capra ⁶⁹, com os desdobramentos da crise ambiental se entrelaçam os aspectos sociais e econômicos estabelecendo um padrão de teia, resultado da interdependência entre esses fatores, no qual as ações e reações repercutem nos diferentes níveis da sociedade. Nesse contexto, a problemática ambiental precisa ser interpretada como resultado de diferentes fases de uma única crise, a crise de percepção. Ela resulta do fato de que a maioria de nós, incluindo as instituições sociais e de pesquisa, concorda com os conceitos de uma visão de mundo retrógrada, uma visão fragmentada que se mostra inadequada para gestão de um planeta super-povoado e globalmente interligado.

Há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas até mesmo simples. Requerem, no entanto uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores. E, de fato, estamos agora no princípio dessa mudança fundamental de visão de mundo na ciência e na sociedade, uma mudança de paradigma tão radical como foi a revolução copernicana. ⁷⁰ Uma das mais importantes consequências filosóficas da nova compreensão da vida é uma concepção que, finalmente, supera o dualismo moderno entre o ser humano e a natureza.

Os novos saberes ecológicos que serão agora analisados nos permitem pensar nossa indissolúvel ligação com a natureza, o que torna possível conceber um novo humanismo, que, para dizê-lo com as palavras de Edgar Morin ⁷¹

(...) não poderá mais ser portador da orgulhosa vontade de dominar o universo, [passando] a ser essencialmente o da solidariedade entre humanos, o qual implica uma relação umbilical com a natureza e com o cosmos.

3.1. Ecologia Profunda

Sentamos juntos, a floresta e eu.
Fundimo-nos no silêncio.
Até que só houvesse floresta. ⁷²

A destruição do meio ambiente parece ser a continuação dos nossos próprios conflitos psicológicos, da nossa cobiça e da nossa ignorância espiritual. E do mesmo modo a defesa do meio ambiente, o convívio íntimo e pacífico com a natureza e os animais – nossos irmãos menores – é a continuação por outros meios da paz que há no nosso coração. Abrir mais espaço para a serenidade e a contemplação da natureza na nossa vida diária é,

⁶⁹ CAPRA, F. *As conexões ocultas*. São Paulo, Cultrix, 2002.

⁷⁰ Ibidem. p.23.

⁷¹ Apud PLASTINO, C. A. *Freud e Winnicott: a psicanálise e a percepção da natureza – da dominação à integração*. In: *Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>. Acesso em 06 jan 2015.

⁷² AVELINE, C. C. *A vida Secreta da natureza: uma iniciação à ecologia profunda*. Porto Alegre: Feeu, 2004, p.21.

portanto, uma contribuição real e decisiva – embora fisicamente invisível – para a paz mundial e a restauração do equilíbrio ecológico em nosso planeta.⁷³

Nossa interdependência com toda a vida sobre a Terra traz implicações profundas para nossas atitudes e ações. Para esclarecer essas implicações e libertar-nos de comportamentos baseados em noções ultrapassadas como nossa separação da natureza, surgiu a Ecologia Profunda, tanto como filosofia quanto como movimento.

Em contestação com o ambientalismo reformista, que trata dos sintomas da degradação ecológica, a Ecologia Profunda questiona as premissas fundamentais da sociedade moderna. Ela põe em cheque as premissas, enraizadas na maior parte do pensamento judaico-cristão de que os humanos são a coroa da criação e a medida última de valor.

Esse novo saber ecológico propicia um sentido mais amplo e sustentável do nosso próprio valor como membros viáveis da grande comunidade terrestre em desenvolvimento. Afirma que podemos nos libertar da arrogância de nossa espécie, algo que ameaça não só a nós mesmos como a todas as formas de vida complexas ao nosso alcance.⁷⁴

O artigo inicial de Naess - *The shallow and deep, long range ecology movement: a summary*.- apresenta um conjunto de sete pontos (mais tarde desenvolvidos nos oito pontos da plataforma para a Ecologia Profunda) que tinha por objetivo resumir as bases e perspectivas do movimento.⁷⁵

A Ecologia Profunda, sustentada em Naess, defende uma perspectiva ecocêntrica em que a Terra, a biodiversidade e todas as formas de vida possuem valor intrínseco, se distanciando do antropocentrismo moderno. Segundo Scarce⁷⁶ “(...) os homens não são a medida de todas as coisas, mas apenas uma parte do todo”.

Capra⁷⁷ sintetiza que:

⁷³ Ibidem. p. 56.

⁷⁴ MACY, op. cit., p. 67.

⁷⁵ As ideias sobre a Ecologia Profunda só são assumidas verdadeiramente no fim da década de 70 por Devall e Sessions - DEVAL, W. e SESSIONS, G. . *Deep Ecology: living as if nature mattered*. Salt Lake City, 1985.

⁷⁶ SCARCE, R. *Eco-Warriors: understanding the radical environmental movement*. Califórnia: Left Cost Press, 2006, p.35.

⁷⁷ CAPRA, F. *A Teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

A Ecologia Profunda, (...), oferece uma visão holística do mundo que realça o todo das partes e não separa os humanos do ambiente. O paradigma ecológico implica uma nova ética que reconhece o valor intrínseco de todos os seres, o que substituirá as éticas antropocêntricas do passado.

Essa escola ecológica assume o oferecimento de uma base filosófica e mística para um estilo de vida ecológico radical que coloca a integração da natureza em primeiro lugar no projeto da existência humana. Essa corrente de pensamento encontra-se assentada sob um conjunto de princípios éticos voltados para todas as formas de vida, uma vez que rejeita qualquer tipo de dualidade entre a natureza humana e não-humana, entendendo que ambas são dotadas de um valor intrínseco.⁷⁸ Além desse princípio base, Naess defende, ainda, a ideia da existência de um universo autoconsciente revelando, assim, uma clara aproximação da Ecologia Profunda com as filosofias orientais do Taoísmo e do Budismo.

Pelo que nos ensina Capra⁷⁹, a nossa natureza (humana) está inextricavelmente ligada ao meio que nos cerca, desde o mais próximo até o mais distante, principalmente se partirmos da noção de que o meio ambiente (e o planeta Terra, de forma mais abrangente) se organiza segundo um padrão autopoietico. Tal argumentação fornece-nos uma base para compreendermos a noção de Naess de conhecimento intuitivo da natureza. O sentimento de fazer parte do que nos cerca seria uma ressonância da nossa própria condição de integração viva com o sistema natural. Esta situação pode ter o poder de infundir o profundo respeito, admiração, sentimento de pertença e de amor pela natureza como um todo. Tais sentimentos conduziram, por sua vez, a uma sacralização e a uma relação de certa forma mística com a natureza, levando à ideia de preservação ou, antes disto, de coexistência profundamente harmonizada. A Ecologia Profunda concebe que o espírito humano é entendido como o modo de consciência na qual o indivíduo tem um sentimento de pertinência, de conexão com o cosmos, ficando claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda.

⁷⁸ Tal pensamento é profundamente influenciado pela “Ética da Terra” do ecólogo norte americano Aldo Leopold. Em sua obra, o autor discorda da compreensão da natureza como recurso e defende que a conceituação de comunidade humana deva ser estendida a todos os seres de origem biótica e abiótica.

⁷⁹ CAPRA, F. op. cit., 1996, p. 23-29.

A Ecologia Profunda faz menção a um “eu ecológico” – um sentido mais amplo de identidade fruto de um processo natural de amadurecimento que passa não só do ego para o “eu social e metafísico”, como para o “eu ecológico”. Indo mais longe, Naess almeja o rompimento com qualquer resquício de antropocentrismo entendendo que o ser humano deveria se desligar do individualismo e assumir maior identificação com a natureza através de uma conexão desta com seu “eu ecológico”. Em suas palavras, “quaisquer que sejam as diferenças entre os seres humanos, o aumento da autorrealização implicaria num alargamento do eu”.⁸⁰

Não se trata de um eu egocêntrico ou individualista, mas de um eu que se expande em direção ao “eu ecológico”, em que a natureza física possuiria uma profunda unidade com natureza humana, sendo uma a extensão e o complemento da outra.⁸¹ Dessa forma, utilizando as palavras de Naess: “o cuidado flui naturalmente se o “eu” é ampliado e aprofundado de modo que a proteção da natureza livre seja sentida e concebida como a proteção de nós mesmos”⁸².

Pode dizer-se que a Ecologia Profunda influenciou, também, a teoria política verde e o ativismo radical. Para Naess, a Ecologia Profunda seria, ao mesmo tempo, um sistema filosófico e um movimento político, por trazer um corpo de ideias coerente e lógico que procura apontar para o entendimento da natureza humana e por permitir inspirações para a ação prática.

Enquanto movimento político, ela está assentada em oito premissas básicas – os oito pontos da plataforma para a Ecologia Profunda:⁸³

- 1) o florescimento de vida humana e não-humana na Terra tem valor intrínseco. O valor das formas não-humanas de vida é independente da utilidade que elas podem ter para os estreitos propósitos humanos;
- 2) riqueza e diversidade das formas de vida tem valor por si e contribuem para o florescimento da vida humana e não-humana na Terra;

⁸⁰ NAESS apud SEED, J. *Thinking like a mountain: towards a council of all beings*. Philadelphia: New Society Publishers, 1988, p.20.

⁸¹ A corrente de Naess sofreu várias críticas de outras correntes e movimento ambientalistas. A síntese do discurso contrário à Ecologia Profunda diz respeito a sua impraticabilidade. Para muitos, pedir ao homem que pense como uma árvore ou uma montanha é algo impossível e inócuo. Resumem a crítica afirmando que não haveria como se renunciar ao antropocentrismo em sua totalidade.

⁸² NAESS apud FOX, W. *Toward a Transpersonal Ecology*. Boston: Shambhala, 1990, p. 217.

⁸³ NAESS, A. *Ecology, community and lifestyle: outline of an ecosophy*. Cambridge University Press, 1989, p.29

- 3) os seres humanos não têm o direito de reduzir esta riqueza e diversidade exceto para satisfazer necessidades vitais;
- 4) a interferência humana atual no mundo não-humano é excessiva, e a situação está piorando rapidamente;
- 5) o florescimento da vida e da cultura humana é compatível com uma redução substancial da população humana. O florescimento da vida não-humana requer este decréscimo;
- 6) mudanças significativas das condições de vida para melhor requerem mudança nas políticas. Isto afeta as bases da economia, da tecnologia e das estruturas ideológicas;
- 7) a mudança ideológica é principalmente em direção à apreciação de *qualidade de vida* (viver em situações de valor intrínseco) ao invés de *alto padrão de vida*. Haverá uma profunda sensibilização da diferença entre grande e grandioso;
- 8) aqueles que aderirem aos pontos anteriores têm uma obrigação direta ou indireta de participar do esforço de implementar as mudanças necessárias.

Tem-se, portanto, dois eixos principais nos quais se pautam a Ecologia Profunda: autorrealização e igualitarismo biocêntrico.

O movimento ecológico profundo tem por objetivo alterar as políticas econômicas e as ideologias existentes de modo a pôr fim aos abusos causados pelo ser humano ao ambiente. Esse movimento acredita na mudança da opinião pública e na sua capacidade para construir uma nova sociedade. Para tal, suscitam o encontro do ser humano com o seu “eu ecológico”. Pretendem constituir um movimento de base que reúna, em torno de uma plataforma concreta, ativistas geralmente ligados ao ambientalismo radical.⁸⁴

A Ecologia Profunda tornou-se um dos mais poderosos movimentos pós-modernos. Este poder resulta da forte crítica à visão dominante do mundo.⁸⁵ O quadro abaixo sintetiza os princípios defendidos por esse novo saber ecológico em contraste com a visão de mundo dominante e, ainda, hegemônica.

VISÃO DE MUNDO HEGEMÔNICA

√ Domínio da Natureza

ECOLOGIA PROFUNDA

√ Harmonia com a Natureza

⁸⁴ BECKERT, C. e VARANDAS, M. J. *Éticas e Políticas Ambientais*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004.

⁸⁵ DEVALL e SESSIONS apud SCARCE, op. cit., p.27.

√ Ambiente natural como recurso para os seres humanos	√ Toda a natureza tem valor intrínseco
√ Seres humanos são superiores aos demais seres vivos	√ Igualdade entre as diferentes espécies
√ Crescimento econômico e material como base para o crescimento humano	√ Objetivos materiais a serviço dos objetivos maiores da autorrealização
√ Crença em amplas reservas de recursos	√ Planeta tem recursos limitados
√ Progresso e soluções baseadas em alta tecnologia	√ Tecnologia apropriada à ciência não dominante
√ Consumismo	√ Fazendo com o necessário e reciclando
√ Comunidade nacional centralizada	√ Biorregiões e reconhecimento de tradições das minorias

A abordagem da Ecologia Profunda ⁸⁶

(...) salienta o comportamento pessoal, a vida em comunidade e a educação ambiental. O tratado clássico de Bill Devall e George Sessions, *Deep Ecology: Living as if Nature Mattered*, serve de livro-guia das aplicações pessoais, políticas e educacionais da ecologia profunda.

A Ecologia Profunda ora analisada é associada à margem radical do ecologismo. Com a procura de auto-reflexão crítica às instituições, tal saber ecológico evidencia uma vitalidade intelectual que serve de inspiração para uma nova realidade de harmonia com a Terra.

O biorregionalismo é sugerido por ecologistas profundos como a teoria política ideal de organização. ⁸⁷ O biorregionalismo provém do grego *bios* que significa vida e do francês *région* que significa região que, por sua vez, deriva do latim *regia* (território) e de *regere* (reger ou governar). Etimologicamente, biorregionalismo significa o território de vida ou o governo através da vida.

Acima de tudo a abordagem biorregionalista demonstra a interpenetração dos sistemas culturais e naturais através de rituais de alimentação física que fortalecem o espírito e técnicas e cerimônias de subsistência. Segundo Dodge ⁸⁸, “compreender os sistemas naturais é iniciar a compreensão do “eu”. Quando

⁸⁶ THOMASHOW, M. *A Identidade Ecológica: tornar-se um ambientalista reflexivo*, Lisboa: Instituto Piaget, Coleção Perspectivas Ecológicas, 1998, p. 104.

⁸⁷ SCARCE, op. cit., p. 38.

⁸⁸ Apud THOMASHOW, op. cit., p. 106.

destruímos um rio, aumenta a sede, arruinamos a beleza da água que corre livremente, (...), perdemos um pedaço das nossas almas”.

Os biorregionalistas defendem que as considerações ecológicas devem determinar as fronteiras culturais, políticas e econômicas. O biorregionalismo pressupõe um conjunto de pequenas comunidades interdependentes, mas autônomas que vivem empenhadas na equidade social. Todas essas comunidades participam na tomada das decisões que determinam a sua subsistência desenvolvendo um verdadeiro comércio biorregional.

São, portanto, sociedades verdadeiramente descentralizadas e democráticas permitindo a todos a expressão da sua opinião nas decisões políticas. Os ecólogos profundos debruçaram-se acerca da descentralização associada à hipótese de que a qualidade ambiental, a recuperação ecológica e a justiça social são mais fáceis de atingir numa comunidade menor, onde as pessoas vivam mais próximas umas às outras.

O biorregionalismo parece, portanto, servir para basear o pensamento ambiental nas circunstâncias reais da vida quotidiana, tais como a origem dos alimentos que consumimos e de que forma são produzidos.

Pode dizer-se que os biorregionalistas defendem o regionalismo (autonomia regional), a utilização dos recursos locais, a tomada de decisões locais vivendo dentro dos limites ecológicos sustentáveis. Esta disposição só é possível quando as pessoas mantêm ligações materiais e espirituais com o local em que vivem. Em suma, o biorregionalismo mostra uma abordagem eficaz e prática à identidade ecológica.

Descobrir o local onde vive, observar as tendências da paisagem, compreender a maneira como a terra se modifica e o modo de vida dos seres humanos naquela terra, reconhecer que os humanos partilham a terra com as outras espécies, (...) – estas atividades de aprendizagem alargam, diretamente, os círculos de identificação.⁸⁹

Embora possa parecer uma visão utópica, o biorregionalismo requer que as pessoas associem o meio de subsistência ao sentido de lugar. Esse movimento tem a particularidade de dar valor a pequenos gestos como a simples reciclagem doméstica, a compostagem, a agricultura sustentável, biológica, a participação em jardins comunitários, aquilo a que se pode chamar de ecologismo direto.

⁸⁹ Ibidem, p. 109.

Experiências que, embora sejam rotineiras, permitem às comunidades colaborarem e desenvolverem uma identidade ecológica coletiva.

Como visto, a práxis da Ecologia Profunda consubstanciada nas experiências biorregionais traduzem uma base espiritual e comunitária de vida. O espiritualismo da Ecologia Profunda e a ecofilosofia em geral baseia-se na “(...) metafísica e prática espiritual nativa americana, e outras tradições, incluindo o Budismo Zen, Taoísmo, Hinduísmo e Cristianismo”.⁹⁰

É, portanto, impossível falar de uma ecologia de base espiritual sem falar nos ideais nativos americanos, pois a maioria dos nativos não vê qualquer distinção entre seres animados e inanimados, o natural e sobrenatural, o corpo e o espírito.

A conhecida Carta do Índio Chefe Seattle (Manifesto da Terra-Mãe)⁹¹ da tribo Suquamish escrita em 1854 representa esses ideais. Divulgada em 1976 pela UNESCO nas comemorações do Dia Mundial do Ambiente, é, ainda hoje, considerada um dos mais belos manifestos ecológicos. Vejamos um pequeno excerto:

Como podereis comprar ou vender o céu, o calor da terra? A ideia não tem sentido para nós. Qualquer parte desta terra é sagrada para meu povo. (...) Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs, os veados, os cavalos, a majestosa águia, todos nossos irmãos. Assim, quando o grande chefe em Washington envia a mensagem manifestando o desejo de comprar as nossas terras, está a pedir demasiado de nós. (...) Nós sabemos que o homem branco não entende o nosso modo de ser. (...) A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, depois de vencida e conquistada, ele vai embora, à procura de outro lugar. (...) O nosso modo de ser é completamente diferente do vosso. A visão de vossas cidades faz doer os olhos do homem vermelho. (...) O vosso ruído insulta os nossos ouvidos. (...) O homem não tece a teia da vida: é antes um dos seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.

Os ecologistas espiritualistas, tendo a Ecologia Profunda como embasamento, pretendem alcançar novas formas de entrar em contato com o planeta através de uma ética de associação com a natureza, contrária à ética vigente nas sociedades ocidentais (ética de dominação). Acreditam que a espiritualidade manifestada pela profunda conexão com a natureza direciona o indivíduo para ações ecocêntricas. As ideias dos ecologistas espirituais motivam

⁹⁰ SCARCE, op. cit., p. 39.

⁹¹ Texto transcrito no compêndio de Joseph Ki-Zerbo, *Compagnons du Soleil*, Anthologie des grands textes de l’humanité, Ed. La Découverte/UNESCO, Paris, 1992.

os indivíduos a atuar em movimentos verdes através de práticas de reconexão com a natureza.

Merchant⁹² considera o maior objetivo da ecologia espiritual a transformação de valores com vista à melhoria do meio ambiente. Qualquer espiritualidade emana uma ligação entre a terra e o ser humano, como tal a ecologia espiritual alia estas formas de espiritualidade ao trabalho político que é necessário para mudar o modo de gerir os recursos.

Faz-se necessário, portanto, romper com o velho olhar utilitário do mundo para passar a vê-lo através de um novo paradigma. O desafio da complexidade reside no fato de tornar visível às mútuas relações entre os fatores ecológicos, sociais, culturais, econômicos, políticos, territoriais e éticos. O que de fato, não é algo trivial, pois não estamos acostumados a ver as coisas conectadas, ao contrário, com o paradigma cartesiano tendemos a fragmentar, separar, dividir, hierarquizar e isso parece natural. Entretanto, a partir da Ecologia Profunda é possível propor estratégias metodológicas que permitam alcançar a visão do todo a partir de uma perspectiva transcendental. A capacidade de manusear e tornar factíveis essas estratégias será o desafio para a emergência de uma nova percepção.

Para Lovatto et al.⁹³, à margem do espectro de mundo cartesiano, surge uma nova visão complexa e sistêmica com a emergência do paradigma holístico, dentro do qual a dualidade ser humano versus natureza deixa de existir, dando lugar à complementaridade para atingimento do equilíbrio.

Ao fim, a Ecologia Profunda atua como agente transformador do ser, pois, a partir de suas práticas, o indivíduo consegue ver o mundo através da janela da realidade, percebendo a importância de cada parte do todo e do todo como algo maior que a soma das partes. Isso acontece porque a Ecologia Profunda aflora de uma forma positiva a percepção ambiental do indivíduo, manifestando-se a partir de uma tomada de consciência do homem pelo ambiente, e é expressa pela maneira como ele percebe o ambiente em que está localizado, aprendendo a integralizá-lo e protegê-lo como extensão do seu próprio corpo.

⁹² MERCHANT, op.cit., p. 76.

⁹³ LOVATTO, P. et al. *Gênero, sustentabilidade e desenvolvimento*: uma análise sobre o papel da mulher na agricultura familiar de base ecológica. Revista Redes, Santa Cruz do Sul, n. 2, v. 15, p. 191-212, 2010.

3.2. Ecofeminismo

Ele diz que a mulher fala com a natureza. Que ela ouve vozes que vêm de dentro da terra. Que o vento em seus ouvidos e as árvores sussurram para ela.⁹⁴

O Ecofeminismo é uma vertente da política feminista que faz uma combinação entre as preocupações feminista e ambiental.⁹⁵ Diferencia-se da ética ambiental, do socialismo e do feminismo padrão, pois surge como uma síntese dessas três preocupações: da relação do humano com a natureza, do humano com ele próprio, e do homem com a mulher, respectivamente.⁹⁶

A expressão Ecofeminismo surgiu com Françoise d'Eauboune no livro *Le féminisme ou la mort*,⁹⁷ publicado em 1974. Essa obra sugere a existência de uma estreita relação entre a emancipação das mulheres e a luta pela preservação da natureza.

Entendemos que o Ecofeminismo é uma das mais radicais correntes do movimento ambientalista porque se propõe a desestabilizar as bases da civilização que separa ser humano/natureza e hierarquiza os sexos. O Ecofeminismo representa a combinação do movimento ecológico da Ecologia Profunda com uma das tendências do movimento feminista.⁹⁸ Entre as obras que se destacam neste tema estão: *Mulheres e natureza* de Susan Griffin e *A morte da natureza* de Carolyn Merchant.⁹⁹

Ecofeminismo é um movimento social, mas também um discurso teórico. Como movimento social, define-se como o potencial envolvimento das mulheres na preservação e conservação da natureza. Não se trata de uma simples filosofia, mas de um enlace filosófico com orientações práticas que examina e critica a desvalorização histórica e mutuamente articulada da mulher e da natureza. São ideologias partilhadas que sustentam múltiplas formas de dominação com base no gênero, raça, orientação sexual, idade e etnia. A ideia central do Ecofeminismo é que o classismo, racismo, sexismo, heterossexismo e especismo estão

⁹⁴ GRIFFIN, S. *Woman and Nature: The roaring inside her*. New York: Harper, 1978.

⁹⁵ SALLEH, A. *The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason*. p. 202.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 195.

⁹⁷ D'EAUBOUNE, F. *Le féminisme ou la mort*, 1974.

⁹⁸ RUETHER, R. R. *Sexism and God-Talk: Toward a Feminist Theology*. Boston: Beacon Press, 1992.

⁹⁹ MERCHANT, C. *The Death of Nature: Women, Ecology, and the Scientific Revolution*. New York: Harper, 1980. GRIFFIN, S. op. cit.

interconectados e se originam da mesma matriz: a lógica que entende a relação como dominação, portanto, a matriz geradora dos pressupostos que sustentam o paradigma moderno e, sobretudo, o patriarcado.

O que se convencionou chamar de patriarcalismo teria ocorrido no final do período Neolítico. Com a transformação dos arranjos sociais, o homem passou a estabelecer vínculos permanentes com a mulher, cuidando do seu sustento e da prole em troca de monogamia e disponibilidade sexual. Os defensores da teoria do patriarcado alegam que o poder feminino e a autonomia da mulher, que caracterizaram o período pré-agricultura, sucumbiram com a invenção do casamento.

Domesticada, confinada às paredes da casa, pacificada, a mulher acaba por ser definida como passiva tal qual a natureza, “com valor intrínseco para tornar-se algo produtivo, à espera da fertilização, de estimulação externa para se realizar”.¹⁰⁰ O pressuposto básico que escora esse sistema é a inferioridade da mulher e da natureza frente ao homem e à cultura.

Voltemos a destacar os dualismos que alicerçam o paradigma moderno estabelecendo polaridades estáticas nas visões de mundo (por exemplo “sujeito e objeto”, “mente e corpo”, “razão e emoção” e “ser humano e natureza”). Essas dualidades têm duas características: 1ª - a primeira metade da dualidade é sempre mais valorizada do que a outra, e 2ª - a metade mais valorizada é sempre vista como masculina e a metade menos valorizada, como feminina. Para o Ecofeminismo o resultado da longa caminhada do pensamento dualista na sociedade é um dos motivos responsáveis pela implacável exploração das mulheres, animais e de toda a natureza. O construtivismo do Ecofeminismo propõe substituir os dualismos hierárquicos pela diversidade radical e por relacionamentos moldados na biodiversidade com ênfase no poder da diferença.

O movimento ecofeminista traz à tona a estreita relação existente entre a exploração e a submissão da natureza, das mulheres e dos povos estrangeiros pelo poder patriarcal, como denuncia a física e ativista feminista Vandana Shiva.¹⁰¹

¹⁰⁰ ZERZAN, J. *Patriarcado, civilização e as origens de gênero*. In: Revista Gênero e Direito, vol.1, nº 2, 2010, p. 6

¹⁰¹ Vandana Shiva pode ser citada como uma das mais conhecidas representantes do Ecofeminismo. Ela é a porta voz do movimento indiano “Chipko” que se pauta nos ideias de não-violência de Gandhi. Enfrentando madeireiras locais e até seus maridos, as mulheres desse movimento, no norte da Índia, defendem os bosques indianos convocando a população contra sua destruição. A palavra “Chipko” significa abraço, pois uma das técnicas de resistência consistiria no

Assim, a dominação das mulheres está baseada nos mesmos fundamentos e impulsos que levaram à exploração da natureza e de povos. Tanto o meio ambiente como as mulheres são vistos pelo capitalismo patriarcal como “coisa útil”, que devem ser submetidos às supostas necessidades humanas, seja como objeto de consumo ou como meio de produção/exploração. Além disso, o capitalismo patriarcal apresenta uma intolerância diante de outras espécies, seres humanos ou culturas que julga subalternas ao seu poder, buscando, assim, dominá-las.

A emergência do Ecofeminismo nas décadas de 70/80 influenciou as teorias feministas e ambientais no mundo acadêmico, além de manter um vínculo com o ativismo político. Apesar dos diferentes enquadramentos ¹⁰², sua análise se mostra de extrema importância para aprofundar o tema proposto no presente trabalho. A grande novidade é que o Ecofeminismo traz críticas ambientais ao feminismo tradicional e, ao mesmo tempo, críticas feministas ao debate ambiental. O Ecofeminismo congrega o que estava separado, fragmentado e promove uma conexão radical, combinando perspectivas ecológicas e feministas por meio de uma ótica complexa e transgressiva.

O Ecofeminismo pode ser dividido em três tendências:

- a) *Ecofeminismo clássico*. Nesta tendência o feminismo denuncia a naturalização da mulher como um dos mecanismos de legitimação do patriarcado. Segundo o ecofeminismo clássico, a obsessão dos homens pelo poder tem levado o mundo a guerras suicidas, ao envenenamento e à destruição do planeta. Neste contexto, a ética feminina de proteção dos seres vivos se opõe à essência agressiva masculina, e é fundamentada através das características femininas igualitárias e por atitudes maternas que acabam pré-dispondo as mulheres ao pacifismo e à conservação da natureza, enquanto os homens seriam naturalmente predispostos à competição e à destruição;
- b) *Ecofeminismo espiritualista do Terceiro Mundo*. Teve origem nos países do sul, tendo a influência dos princípios religiosos de Gandhi, na Ásia, e da Teologia

abraço coletivo das árvores que seriam cortadas. Além da conservação da natureza, lutam, ainda, por uma maior igualdade de direitos entre homens e mulheres, especialmente no que se refere à participação política das mulheres contra a violência doméstica. Em sua obra, destaca-se a parceria com Maria Mies. MIES, M e SHIVA, V. *Ecofeminism*. Nova Scotia: Fernwood Publications, 1993.

¹⁰² Muitos entendem que o Ecofeminismo vem inaugurar a terceira onda do feminismo; outros entendem se tratar de uma atualização da Ecologia Profunda.

da Libertação, na América Latina. Esta tendência afirma que o desenvolvimento da sociedade gera um processo de violência contra a mulher e o meio ambiente, tendo suas raízes nas concepções patriarcais de dominação e centralização do poder. Caracteriza-se também pela postura crítica contra a dominação, pela luta antissexista, antirracista, antielitista e anti-anthropocêntrica. Além disso, atribui ao princípio da cosmologia a tendência protetora das mulheres para com a natureza;

c) *Ecofeminismo construtivista*. Esta tendência não se identifica nem com o essencialismo, nem com as fontes religiosas espirituais das correntes anteriores, embora compartilhe ideias como antirracismo, anti-anthropocentrismo e anti-imperialismo. Ela defende que a relação profunda da maioria das mulheres com a natureza não está associada a características próprias do sexo feminino, mas é originária de suas responsabilidades de gênero na economia familiar, criadas através da divisão social do trabalho, da distribuição do poder e da propriedade. Para tanto, defendem que é necessário assumir novas práticas de relação de gênero e com a natureza.

Superando as divisões em tendências e adentrando as definições, se faz necessário o esclarecimento das diferenças e aproximações entre a Ecologia Profunda e o Ecofeminismo. Ambos oferecem diferentes argumentos sobre a ética que devemos manter com a natureza. Mas a diferença entre eles não está em como devemos tratar o mundo natural, à luz do direito ou da moral, mas em como devemos construir e experimentar nossa relação com a natureza.

A Ecologia Profunda tem uma visão holística da natureza; o mundo natural é um todo integrado, nós e outros organismos somos partes desse todo, encorajados a resgatar uma identidade perdida, inserida em círculos mais amplos da natureza, na qual o mundo natural é como expressão de nós mesmo, parte de um eu estendido. Dentro dessa perspectiva, nosso interesse converge com os da natureza. Assim, respeitar e servir à natureza significa atuar em prol de interesses comuns. A Ecologia Profunda pretende desvendar os padrões éticos, simbólicos e psicológicos que sustentam as relações destrutivas dos humanos com a natureza devendo ser substituídas por atitudes ancoradas em uma cultura afirmativa da vida.

É exatamente nesse nível que a análise ecofeminista se conecta à Ecologia Profunda. Existe uma conexão histórica entre dominação da natureza e da mulher, portanto, extinguir formas de dominação exige a criação da utopia de um mundo

construído sobre um sistema de crença outro que não o baseado no paradigma moderno, uma cultura com base em relações mutualísticas e sem competição insana. As relações inter-humanas e com o mundo natural precisam encarnar um novo sistema de vida, uma nova forma de estar no mundo.

Ambas as teorias têm interpretações complementares sobre interconexão, cada um captura um aspecto importante da nossa relação metafísica e ética com a natureza. O Ecofeminismo parece humanizar a Ecologia Profunda, pode-se dizer também que a Ecologia Profunda verdadeiramente dá profundidade ao Ecofeminismo. Ao fim, ambas as escolas ecológicas atentam para o sentido de unidade com a natureza.

Essa conexão entre feminino e natureza nos conduz à análise dos aspectos associados a *anima* que foram desvalorizados dentro do contexto patriarcal de sociedade. Para Jung ¹⁰³, fundador da Psicologia Analítica, na formação do indivíduo existe o que chamou de processo de individuação, sendo este o resultado de uma tendência instintiva que tem o homem em realizar suas potencialidades inatas, diferenciando-se do coletivo.

Esse processo de individuação consiste em três etapas: o despojamento da persona; o encontro com a sombra e a integração das características da *anima*.

Para Jung, há no psiquismo do homem atributos como a emoção, a criatividade e a intuição, que ao longo do tempo, por desvios culturais, foram considerados próprios das mulheres. *Anima* é o arquétipo feminino ao qual Jung conferiu muita importância, fato que contrastou com o caráter patriarcal da sociedade moderna.

O autor estabelece analogia com o *yin* e o *yang* da tradição oriental na sua explicação da *anima*. Para ele, a *anima* está relacionada com a natureza, o sexo e o prazer, aspectos que na cultura ocidental foram rigorosamente normatizados e reprimidos.

A consequência da integração da dimensão da *anima* é a alteridade a qual possibilita o encontro do EU com o OUTRO dentro da totalidade, em um clima de respeito às diferenças.

¹⁰³ JUNG, C. *O homem e seus símbolos*. São Paulo: Nova Fronteira, 1975.

Com a repressão do feminino na sociedade moderna houve a propagação de atitudes dogmáticas, resultando em um mundo pouco criativo, racionalista e distante do sentimento.

Assim, a *anima*, arquétipo do feminino, através de seus atributos, em especial da criatividade e do sentimento, pode surgir como agente catalisador da transformação da visão predominante. Os valores do cuidado e da empatia apenas serão atingidos no dinamismo da alteridade, sob a regência do arquétipo da *anima*.

O apego ao poder patriarcal tolhe o desprendimento do EU, necessário à interação igualitária com as outras pessoas. Também não há condições, nesse dinamismo, para percepções difusas (como a intuição) tão características do arquétipo da *anima*, mas uma tendência a uma conduta estereotipada. Isso não ocorre no padrão de alteridade, no qual existe o confronto com os elementos inconscientes, respeitando-se as diferenças.

Os ensinamentos ecofeministas, apesar de sua multiplicidade de considerações e enfoques, parecem nos conduzir à necessidade de valorização do arquétipo do feminino (*anima*) para que atinjamos um nível de democracia, de acolhimento às diferenças e de empatia e cuidado para com todos os seres (incluindo Gaia) necessários para a continuidade da vida humana na Terra.

O que se quis ressaltar neste subcapítulo da presente pesquisa é que as vozes femininas se fazem presentes - as mulheres estão falando como porta-vozes da natureza, estão agindo e falando por si mesmas, pelas outras pessoas, pelos silenciosos ou pelos que foram silenciados, pelos animais, árvores, rios e rochas. Falamos sobre o valor e a sacralidade da vida na Terra.

3.3. Ecologia Social

A natureza ligou todas as partes do seu império através de fios sutis de simpatia magnética e há uma correlação mútua até mesmo entre uma estrela e um homem. Esta é a essência da percepção ecológica da vida.¹⁰⁴

Considerando o cenário científico atual – em que o crescente reconhecimento da interdependência das diferentes áreas tem conduzido a um entendimento mais profundo da natureza humana e da realidade ambiental da qual faz parte, intensificando o uso de práticas inter/multidisciplinares através de

¹⁰⁴ AVELINE, op. cit., p.55.

matrizes de pensamento complexo – a Ecologia Social desponta como um horizonte, especialmente desafiante e enriquecedor para o desenvolvimento da pesquisa e do debate sobre as inúmeras questões que dizem respeito aos processos de interação¹⁰⁵ entre os seres humanos e a natureza, envolvendo fenômenos híbridos de diferentes ordens (social, econômica, política, cultural e outras) - presentes no que se convencionou chamar de civilização.

O termo Ecologia Social foi utilizado por Murray Bookchin¹⁰⁶ pela primeira vez em seu trabalho *Ecology and a Revolutionary Thought*¹⁰⁷, cujo foco central foi o esclarecimento das influências negativas dos imperativos do capitalismo sobre o equilíbrio ecológico global. O autor defende a construção de uma sociedade anarquista-comunista que adotaria e promoveria, dentre outras linhas de ação, o estabelecimento de relações sociais mais igualitárias e menos hierárquicas, o incentivo à democracia, a redução do consumismo e a adoção de valores éticos que pudessem estimular a harmonia e o equilíbrio entre os seres humanos e a natureza. Trata-se de uma reconstrução social a partir da contribuição de conceitos ecológicos, em que se busca eliminar hierarquias sociais e romper com a clássica lógica de dominação da natureza redefinindo, assim, as relações entre a natureza humana e a natureza não-humana.

A corrente da Ecologia Social de Murray Bookchin, de cunho notoriamente político-ideológico, entende que os problemas ecológicos possuem uma relação direta com os problemas sociais, ressaltando uma dimensão política anárquica da ecologia. Em sua ótica, a crise ambiental é resultado da organização hierárquica do poder e da mentalidade autoritária, enraizada nas estruturas da nossa sociedade caracterizadas através da ideologia ocidental de dominação da natureza. Para o autor, as raízes dos problemas ambientais “são o comércio pelo lucro, a expansão industrial e a identificação do progresso com os interesses corporativos”.¹⁰⁸ De influência nitidamente marxista, a corrente de Bookchin vê a

¹⁰⁵ Para um aprofundamento desse ponto, sugere-se a leitura das publicações de Edgar Morin nas quais ele esclarece, de forma detalhada, a chamada lógica da complexidade, caracterizada através dos princípios de reciprocidade, incerteza, visão holística e abordagem polissêmica.

¹⁰⁶ Bookchin é apontado como um dos pensadores atuais mais influentes do movimento ecológico no que se refere à temática da Ecologia Social em uma vertente política mais radical. Alguns chegam mesmo a apresentá-lo como o criador do termo Ecologia Social. Anarquista convicto e defensor da teoria política utópica, Bookchin foi diretor emérito e co-fundador do Institute for Social Ecology, em Vermont (EUA). Faleceu em 2006.

¹⁰⁷ BOOKCHIN, M. *Ecology and a Revolutionary Thought: New Directions in Libertarian Thought*, 1964.

¹⁰⁸ Idem. *Sociologia ou Ecologia Social?* Rio de Janeiro: Achiamé, 2004, p. 03.

crise ambiental como um resultado direto da acumulação capitalista que, segundo ele, é a força motriz de devastação do planeta.

John Clark ¹⁰⁹ é um dos autores que utiliza a terminologia Ecologia Social para exprimir ideias profundamente identificadas com os pressupostos da Ecologia Profunda e do Ecofeminismo já analisados. Sua Ecologia Social de inspiração taoista defende a necessidade de uma revolução espiritual a partir de uma visão holística sintonizada com os seguintes elementos: a dinâmica da evolução cósmica, a crença de uma auto-transcendência orgânica e a busca da unidade na diversidade. Tal revolução identifica o curso da evolução planetária como um processo que se segue rumo a uma complexidade crescente que só pode ser entendida a partir do holismo e da autorrealização. Tal proposta defende as chamadas políticas eco-comunitárias, cujas práticas institucionais seriam comprometidas com a descentralização, a não hierarquia, o estímulo à criação pessoal e coletiva e a valorização da cultura local, além da implementação de uma economia social capaz de criar um sistema de produção e consumo ecologicamente responsável.

David Watson ¹¹⁰ assinala que a Ecologia Social teria como pretensão o favorecimento e a divulgação de uma representação do homem e da natureza de maneira que seja possível a transcendência das dicotomias existentes entre ambos, em uma visão holística da atividade social humana enquanto um componente da esfera ecológica. Conseguir tal intento requer não apenas uma sensibilidade para com essas questões, mas uma profunda crítica das situações e ideologias que promoveram a coisificação da natureza, a lógica do progresso e a glorificação da civilização. Por isso mesmo, o propósito maior da Ecologia Social seria o de favorecer um entendimento ecológico da razão, da natureza, da sociedade e de seu desenvolvimento.

Um ponto indiscutível de interligação entre as muitas concepções sobre o que seja a Ecologia Social é o entendimento de que os danos ecológicos que o planeta sofre espelham muitas vezes os males sociais infligidos à humanidade.

¹⁰⁹ CLARK, J. *Social Ecology: a philosophy of dialectical naturalism*. In: Zimmerman et al., *Environmental Philosophy*. Englewoods Cliffs: Prentice-Hall, 1993.

¹¹⁰ David Watson é conhecido por suas críticas ao trabalho de Bookchin, vez que acusa sua proposta de autoritária e ainda presa a uma racionalidade tecnocrática pautada na lógica do progresso. Para um maior aprofundamento, sugere-se a leitura de *Beyond Bookchin: preface for a future Social Ecology*. **Black & Red/Autonomedia**, 1996.

Nas palavras de Bookchin ¹¹¹: “a dominação da natureza pelo homem tem origem na própria dominação do humano sobre o humano”.

A Ecologia Social como novo saber ecológico adota como objeto de estudo o conjunto das relações entre o mundo humano e o mundo natural, concedendo prioridade não a uma questão em particular, mas sim a uma multidimensionalidade de tensões de diferentes ordens – socioculturais, político-econômicas e psicosubjetivas – provenientes do insustentável modelo civilizatório adotado pela humanidade, buscando formas de enfrentá-lo de modo consciente, crítico e participativo. ¹¹² O que se defende é que os novos saberes ecológicos aqui apresentados podem cruzar-se e, por vezes, complementar-se, na recursividade do complexo, na procura do desvendamento dos fenômenos e processos relativos à relação da humanidade com o meio ambiente.

Entre os eixos de investigação da Ecologia Social, podem ser citados: a constituição do espaço e suas transformações decorrentes da ação humana; os processos de formação de identidade e das diferentes formas de sociabilidade; a influência do espaço na tessitura sociocultural e desta última nas transformações ambientais; as representações sociais referentes ao contexto socioespacial; o envolvimento afetivo de pessoas com determinado lugar geograficamente determinado e suas influências na construção de suas identidades; as relações entre subjetividade e espaço; os conflitos abrigados em nuances diferenciais entre conceitos do tipo global versus local, campo versus cidade, território versus espaço; as ações e atitudes voltadas para a conscientização ecológica e suas relações com as atividades políticas e econômicas de uma comunidade qualquer; a implantação de projetos ou programas de desenvolvimento ecologicamente equilibrados; e vários outros eixos, cuja compreensão e possibilidade de agenciamento ¹¹³, pressupõem uma postura interdisciplinar atenta à contribuição de múltiplas disciplinas sem privilegiar uma área em detrimento de outras.

¹¹¹ BOOKCHIN, op. cit., p. 01.

¹¹² Dentre elas, destacam-se os projetos de preservação sociocultural, de mobilização comunitária, de educação ambiental e as ações/propostas voltadas para a adoção de um desenvolvimento local e desejável. CARVALHO, V. e MACIEL, T. *Educação ambiental: muito ainda por fazer*. In: Pedagogia levada a sério. Rio de Janeiro: Wak, 2004, 119-137.

¹¹³ O conceito de “agência” aqui utilizado sob a ótica de Anthony Giddens – *What do sociologists do?* In: *Social Theory Modern Sociology*. Oxford: Polity Press, 1984 - está diretamente relacionado ao contexto do meio sociocultural do indivíduo, uma vez que para este autor o indivíduo ou agente social tem consciência de seus atos, desde que dentro do seu contexto sociocultural.

De fato, a abordagem holística que lhe é peculiar somada à amplitude e complexidade de seu foco de análise, envolvendo críticas das mais diversas ordens – tendo como alvos a coisificação da natureza, a glorificação da civilização, a valorização da ideologia economicista de progresso e desenvolvimento e as abordagens disciplinares e monoculturais da realidade, até um profundo repensar do relacionamento do homem consigo mesmo e com a natureza – acaba gerando certa dificuldade de conceituação deste ramo de estudo.

Um bom exemplo de compreensão da Ecologia Social é o modo como vem sendo trabalhada mais contemporaneamente no ambiente acadêmico. No final dos anos 80, após uma consagrada atuação na área de Psicologia Social, o programa EICOS (Estudos Interdisciplinares de Psicossociologia e Ecologia Social) do Instituto de Psicologia da UFRJ foi pioneiro na criação da primeira pós-graduação *strictu sensu* em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Os profissionais do Programa EICOS entendem a Ecologia Social conforme texto disponibilizado em sua página na Internet:¹¹⁴

O estudo dos grupos humanos em interação com o meio em que vivem, sendo esta interação determinante da identidade e das formas de atuação desses grupos humanos em seu meio. Logo, interessam-lhe os estudos de comunidades, populações e grupamentos humanos levando-se em consideração, principalmente, a dimensão cultural como organizadora da dinâmica destes grupos.

É perceptível nessa definição um entendimento da Ecologia Social como uma área de estudos preocupada não apenas com a interação de agrupamentos humanos com o meio onde vivem, mas com as diferentes formas pelas quais estas interações interferem na identidade desses grupos, afetando sua organização social e particularmente sua dimensão cultural. Assim, as expressões culturais e identitárias de tais grupos são tomadas como foco de análise de uma Ecologia que não se conforma às análises deterministas de cunho geográfico ou inatista, mas insiste na compreensão do meio ambiente simultaneamente como resultado das atividades humanas no meio e agente transformador destas, assumindo, portanto, um comportamento passivo ou ativo em função da complexidade da dinâmica psicossocial em jogo, sempre em constante transformação.

Merece destaque, retomando a compreensão do Programa EICOS sobre a temática da Ecologia Social, um juízo diferenciado da Ecologia Social a partir de

¹¹⁴ www.eicos.psycho.ufrj.br. Acesso em 09 jan 2015.

uma profunda inter-relação desta com a qualidade de vida, a ética, a cultura dos grupos sociais e, de modo especial, os modelos de desenvolvimento alternativos como o ecodesenvolvimento, o desenvolvimento endógeno e o desenvolvimento sustentável. Parte-se do princípio que a promoção de um desenvolvimento humano e ecologicamente sustentável é uma das principais preocupações da Ecologia Social.¹¹⁵

Ressalte-se a importância de que a Ecologia Social seja pensada e compreendida enquanto um campo híbrido de conhecimentos, indubitavelmente influenciado e influenciador de diferentes áreas, voltado não apenas para o estudo da vida no planeta, mas para a construção social desta, a partir da confluência de processos físicos, biológicos, culturais e psicológicos. Vale destacar, ainda, a influência da Sociologia do Desenvolvimento sobre a Ecologia Social, particularmente dos estudos de Gilberto Freyre em relação à Tropicologia¹¹⁶, em que este defende o valor do desenvolvimento diferenciado e específico de cada localidade.

Não existe um desenvolvimento, do mesmo modo que não existe uma História (...). Cada povo – e isto vale especialmente para as áreas tropicais – ou tem seu próprio desenvolvimento, sua experiência irreduzível a todas as outras, ou não terá desenvolvimento algum, deformando-se e alienando-se.¹¹⁷

Conforme Bookchin¹¹⁸ tem apontado, uma das grandes denúncias realizadas pela Ecologia Social é a que se refere ao fato de que os conflitos básicos entre sociedade e natureza têm suas raízes no desenvolvimento social, ou seja, nas “divisões internas do domínio social, nomeadamente nos conflitos entre humanos”.¹¹⁹ Em suma, se a dominação do homem pelo homem não for vencida, tampouco será vencida a do homem em relação à natureza.

Novos tempos trouxeram novas exigências ao estudo da inter-relação entre o homem e o planeta onde habita. No bojo destas novas indagações, a Ecologia

¹¹⁵ A terminologia “alternativos” se faz em relação aos modelos de desenvolvimento tradicionais marcados pelas teorias economicistas em que o meio ambiente é, em geral, visto reduzidamente como matéria prima e as propostas ecológicas um obstáculo ao progresso.

¹¹⁶ A Tropicologia pode ser entendida como o estudo de equilíbrio ou desequilíbrio das relações entre o homem dos trópicos e sua cultura. Trata-se de uma nova espécie de regionalismo cunhada por Freyre voltada para o estudo sistemático das relações do homem, das sociedades e das culturas em relação aos espaços tropicais.

¹¹⁷ FREYRE apud MOTTA, R. *Tropicologia, história e desenvolvimento*. In: Revista Pernambucana de Desenvolvimento, Recife: 1977, p. 25.

¹¹⁸ Ao se reconhecer a importância deste autor para o entendimento amplo do que seja a Ecologia Social, não se adere de forma irrestrita à visão anarquista de Bookchin como a proposta da Ecologia Social por excelência.

¹¹⁹ BOOKCHIN, op. cit., p. 11

Social encontrou terreno fértil para seu desenvolvimento, levando em conta a abrangência dos problemas relacionados às ciências sociais, as explicações fragmentadas e disciplinares passaram a ser insuficientes para atender a questões que só poderiam ser respondidas de forma multidimensional e interdisciplinar. Como denuncia Morin ¹²⁰ durante muito tempo a hiperespecialização do conhecimento impediu-nos de ver melhor o global, tornando invisíveis “os conjuntos complexos, as interações e retroações entre partes e todo; as entidades multidimensionais e os problemas essenciais”; sendo, portanto, necessário que a ciência continue enfrentando o que ele chama de “desafio dos desafios” que nada mais é do que a promoção de uma ampla reforma do pensamento assentada sobre duas revoluções científicas: a primeira, que estabelece a irrupção da desordem, do acaso e do incerto; e a segunda, que busca constituir as ciências sistêmicas, onde antes só existiam as ciências duras e fechadas.

O debate entre os ecologistas profundos e os ecologistas sociais contém algumas divergências. Enquanto os primeiros focam no conflito entre as visões ecológica e mecânica do mundo, os ecologistas sociais tendem a ver o problema na dialética entre sociedade e a ecologia. Os ecologistas sociais defendem também que a ação deve focar-se no eco-desenvolvimento e justiça social (visão homocêntrica) opondo-se aos ecologistas profundos que pretendem transformar a forma de ver o mundo e traçar ligações espirituais com a terra – visão ecocêntrica.¹²¹ Contudo, se analisarmos de uma forma geral, o seu debate aproxima-se numa questão determinante: ambos procuram uma grande transformação nas visões do mundo ora dominantes.

Ciente das cisões ocorridas inicialmente entre as dimensões biológica e social do homem e, posteriormente, a que se deu entre os próprios homens (diferenças sociais) resultando no distanciamento espacial – provavelmente a grande tarefa da Ecologia Social seja a de costurar o que foi cindido, com a finalidade de devolver ao homem sua condição de membro ativo e consciente da teia de inter-relações reunidas no macro e complexo ecossistema terrestre do qual a humanidade é uma parte indissociável.

¹²⁰ Idem. *The philosophy of social ecology: essays of dialectical naturalism*. Montreal: Black Rose Books, 1994, p. 11.

¹²¹ MERCHANT, op. cit., p. 124.

Dentro dessa lógica de reunir o que se encontra cindido e religar o que foi desligado, pode-se conceber a proposta da Ecologia Social como uma proposta não apenas subversiva, mas acima de tudo esperançosa, no sentido de investir na utopia e apostar, enquanto promotora de uma nova consciência ecológica, que tal intento é possível. As palavras “esperança” e “subversão” em uma tese de mestrado podem soar como desgastadas; todavia, diante das transições paradigmáticas que o conhecimento científico atual vem sofrendo, campos como a Ecologia Social têm atuado no sentido de reconhecer, favorecer e permitir que um novo olhar se faça presente dentro de uma realidade de caos e imprevisibilidade. Há esperança de que seja possível a construção de uma sociedade onde liberdade e responsabilidade andem de mãos dadas, especialmente no que se refere às relações desenvolvidas entre os ecossistemas naturais e sociais.

Dentro desse novo olhar, a realidade prática além da dogmática se mostra de fundamental importância. Práticas/atuções efetivas devem acompanhar essa nova mentalidade ambiental. Segundo Santos¹²² precisamos da imaginação utópica e da esperança para romper definitivamente com o paradigma dominante e sonhar novos horizontes emancipatórios. O desafio é fazer com que essa esperança possa se ancorar na prática através de atitudes conscientes e críticas do papel de cada indivíduo que deseja e atua na construção de um mundo melhor, não apenas para si e suas gerações futuras, mas também para toda uma infinidade de seres vivos que conosco dividem essa grande casa planetária.

É através desse olhar “esperançoso” e “subversivo”, partindo do entendimento da proposta de reconexão formulada pelos novos saberes ecológicos, que proponho o estudo das chamadas ecovilas e de outras comunidades ou agrupamentos sociais sustentáveis, pois os entendo como uma clara materialização dessa nova visão de mundo baseada no paradigma emergente, vez que são comunidades que se dispõem a viver o novo, sendo um horizonte emancipatório com o qual podemos vislumbrar a reconexão entre ser humano e natureza, tornando viável a continuidade do projeto humano sob a Terra.

¹²² SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.